



REVISTA INTER-LEGERE: ESTUDOS
**A CONSTRUÇÃO DA ESPERANÇA E
DO COMPROMISSO SOCIAL NO
ITINERÁRIO DE JOSUÉ DE
CASTRO³⁸**



TÂNIA ELIAS MAGNO DA SILVA

Socióloga. Professora e pesquisadora da UFS. E-mail: taniamagno@uol.com.br.

A alma da fome é política.³⁹

Herbert de Souza – Betinho, 1993)

A fome tem cem nomes, mas, o grito da fome é igual em todos os países do Globo. As crianças que morrem de fome nos Estados Unidos recebem o nome de “sugar babies”, na Índia os chamam de “Kwashiorkor”, mas ao final que importam os nomes?

(Josué de Castro, 1965)

História de fome não é história que se conte – começou Zé Luiz – é só tristeza. Tristeza e vergonha. História feia. (...)

(Homens e Caranguejos, 1967)

INTRODUÇÃO

A fome é um flagelo que atinge vastas áreas em todo o mundo, fazendo, de algumas, típicas áreas de fome, constituindo um desafio para os governos de vários países, em que pese todo o avanço científico e tecnológico no campo da produção de alimentos e da quebra das barreiras para a circulação da mercadoria no mundo globalizado, graças aos modernos meios de comunicação e transporte. Diante desses avanços e conquistas do mundo moderno cabe-nos indagar: Por que ainda vastas áreas do mundo são marcadas pela escassez de

³⁸ Texto da conferência de abertura do II CICLO DE ESTUDOS SOCIAIS (CESO), do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 02 a 04 de dezembro de 2008.

³⁹ FOME, JORNAL DO BRASIL, 12 de setembro de 1993.

alimentos? Por que a fome continua campeando no planeta? Por que as soluções para este drama parecem ainda estar distantes de ser encontradas, apesar das inúmeras campanhas e programas desenvolvidos nestas últimas décadas, para acabar com este flagelo? Afinal, a fome que assola vastas áreas em todo o mundo resulta de quê?

No combate a este flagelo que assola o mundo, ceifando vidas em todo o planeta, o médico, sociólogo, geógrafo, escritor e político pernambucano Josué Apolônio de Castro, ou simplesmente Josué de Castro como gostava de ser chamado, dedicou sua vida. Seus inúmeros estudos sobre os problemas relativos às carências alimentares contribuíram para desvelar as mazelas de um processo colonizador perverso e espoliador do homem e da natureza que marca o nosso processo histórico de formação social. Ousou sonhar com um mundo sem fome, sem miseráveis e, por esta causa, travou o “bom combate de sua vida”⁴⁰, pois sabia que esta não era uma luta em vão, não era um sonho utópico; era uma questão possível de ser resolvida se houvesse de fato interesse dos países em solucionar o problema, em especial das nações mais ricas do mundo. Entendia a fome crônica como decorrente de um modelo econômico e político perverso, que espolia uns para beneficiar poucos, e não como um flagelo natural ou uma praga divina. A causa da fome era política.

Seus estudos e sua intensa militância no combate à fome tornaram-no uma pessoa conhecida e respeitada mundialmente e lhe renderam a alcunha de “caixeiro viajante da fome” e “profeta da fome”, a uma alusão ao profeta bíblico, bem como a alcunha de “o homem força do nosso século”.

Compreender a construção da esperança e do compromisso social que marcou o seu itinerário de vida nos obriga a refletir sobre a dura realidade a que está submetida imensa parcela da população do mundo que sobrevive miseravelmente, mesmo em áreas de abundância de terra e de riquezas naturais, como é caso do Brasil. É preciso igualmente acompanhar a sua história de vida, marcada muito cedo pelos quadros da fome e da miséria.

Sua extensa obra denuncia as injustiças sociais, a herança do sistema colonialista e do imperialismo, assim como a ganância dos países ricos e de um modelo econômico perverso que necessita da formação de imensos continentes de miséria para que possa criar suas ilhas de abundância. Seus escritos são um grito contra a exploração de seres humanos frente à indiferença do mundo diante da imensa procissão de miseráveis e famintos que perambulam pelos quatro cantos do planeta e clamam por justiça e pelo direito de viver condignamente, pois, como afirmou Herbert de Souza, o Betinho, a fome é a exclusão da terra, da renda, do emprego, do salário, da educação, da economia, da vida e da cidadania, não ter o que comer é

⁴⁰ Assim a filha Anna Maria de Castro se refere à trajetória do pai na luta contra a fome. In, SILVA (1998).

uma espécie de cerceamento moderado ou de exílio, é a morte em vida, o exílio da Terra. A alma da fome é política.⁴¹

A ESCOLA DA VIDA E O COMPROMISSO ASSUMIDO: A DESCOBERTA DA FOME

A história de vida do autor está ligada ao flagelo da fome e de suas raízes históricas. É ele menino-neto da seca. O pai, Manoel de Castro, morador no município de Cabaceiras na Paraíba foi, junto com toda a sua família, retirante da seca de 1877, uma das grandes secas que atingiu toda a zona do sertão nordestino, até hoje lembrada pelas inúmeras vidas humanas que ceifou. Fugindo do flagelo em busca de vida, assim como tantos outros retirantes, a família do pai de Josué acabou arranchando na cidade de Recife, onde nasceu nosso autor no dia 05 de setembro de 1908.

A seca marca a história sociopolítica e cultural de uma imensa área do Nordeste brasileiro, gerando tipos sociais característicos e moldando a identidade social dos sertanejos da região do polígono. Esta identidade sertaneja tem sido construída ao longo dos anos a partir de uma visão de mundo embasada na fatalidade, no misticismo, na carência de água, na adversidade do clima e nas duras estratégias de sobrevivência a que está submetida à população nos períodos de estiagem prolongada. Soma-se a esses fatores a violência, a ganância e a impunidade dos grandes proprietários rurais que lucram com o fenômeno climático. Não sem bases histórico-estruturais, tornou-se popular a expressão: “o problema do Nordeste não é a seca, é a cerca”.

A seca, suas mazelas e seus tipos sociais característicos estão presentes em suas análises sobre as áreas de fome no Brasil. O drama e a tragédia da seca constituem um tema que já inspirou vários romancistas brasileiros, como Rodolfo Theófilo, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e José Américo, entre outros, que, mais que comover seus leitores, buscava denunciar o verdadeiro quadro que se escondia por detrás desse drama. Há nestes escritos literários uma sociologia da seca, uma antropologia da cultura da seca, de personagens, de seus mitos, lendas, de seu imaginário. São romances-verdade.

O que há de ficção no drama das famílias, retratadas nessas obras, que migram indigentemente nos longos períodos de estiagem? Os tipos sociais? Os personagens? A miséria dos retirantes? A exploração a que estão sujeitos? A fome? A revolta? Ou o descaso secular a que esta questão tem sido relegada pelos governos do Império à República? É a dura realidade que se descortina nas páginas ficcionais. Romances escritos no final do século XIX, como é o caso da obra de Rodolfo Teófilo (1922), que continuam atuais.

⁴¹ SOUZA, Herbert de. FOME, JORNAL DO BRASIL, 12 de setembro de 1993.

Em suas reflexões sobre a fome Josué também se inspirou na literatura, buscou ler a realidade que surgia nas páginas ficcionais desses romances e tomou-as como uma forma de sensibilizar os leitores. A sociologia de Josué também passa pelo gordo nordeste canavieiro, em especial pela zona da mata pernambucana de onde se originava sua mãe, filha de criação de fazendeiros tradicionais, os Carneiros da Cunha. Área produtora de “miseráveis e famintos, de êxodo rural, de conflitos, de onde emergem as ligas camponesas e todo um conflito agrário pelo direito à vida”.

A cana de açúcar marcou o nosso processo colonizador e foi como bem assinalou Gilberto Freyre (1937), devastadora de gentes e de terras, pois este foi o papel que a monocultura canavieira exerceu e, de certo modo, ainda exerce. A cana, com todo o seu passado escravista, latifundiário e monopolizador. A cana e os senhores de engenho, de usinas, de fábricas, donos de terras e de gentes, intolerantes, prepotentes. A cana e uma imensa maioria de trabalhadores rurais sem-terra, bóias frias, volantes, desempregados.

A cana e o drama vivido pelos inúmeros Severinos de Maria a que se refere Cabral de Melo Neto em seu épico poema Sete Palmos de Terra e um Caixão. A cana e todo o seu ciclo de misérias e exclusão social retratados com maestria nas obras de José Lins do Rego.

Os seus estudos e escritos nos levam a penetrar também no negro lamaçal dos mangues recifenses, sentir o drama de sua população anfíbia, meio homem, meio caranguejo, meio na terra, meio no lodo. Gente sem nada, fugida da seca ou expulsa de suas terras pela fome insaciável dos canaviais, dos latifúndios. É falar da “mocambópolis”, cidade anfíbia erguida nos terrenos alagadiços dos mangues de Recife e que pode ser encontrada também em outras áreas similares da costa brasileira e de outros países, em especial nas regiões mais pobres do planeta.

Josué de Castro nasceu numa casa próxima aos mangues do Capibaribe e cresceu no bairro da Madalena, numa velha casa colonial de grandes quintais, onde o pai tinha um pequeno criatório de gado que lhe garantia o sustento com a venda do leite. A mãe, Josefa Carneiro de Castro, filha adotiva de fazendeiros da gorda zona canavieira pernambucana, separou-se do marido quando o filho tinha quatro anos de idade e até os oito anos ele viveu com a mãe na Madalena. Segundo seu próprio depoimento, foram anos de muitas privações e de fome, pois naquela época os maridos não eram obrigados a assumir nenhum compromisso quando o casal se separava, e a mãe vivia dos poucos rendimentos que conseguia como professora particular para alunos pobres que nada ou quase nada podiam pagar.

Foi nos mangues de Recife que aprendeu suas primeiras lições sobre a miséria e a fome; foi lá a sua grande escola. Ao escrever o romance Homens e Caranguejos (1967), por sinal o único que escreveu, traz para as páginas ficcionais uma realidade que havia visto e

vivido. Nas páginas introdutórias fala de sua história de vida e como foi apresentado ao trágico universo da fome. O romance, em certo sentido, é quase uma biografia. A essa experiência de vida, a da convivência com os trágicos quadros da fome e da miséria nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife – Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite – Josué chamará de sua Sorbonne.

Do pai já havia aprendido muito sobre as agruras da seca. As histórias da tragédia que abateu a família e as dificuldades e privações porque esta passou ao ter que se retirar do sertão paraibano para não morrer de fome, o pai contava-lhe sempre. A fome cercou seu mundo na infância, sempre cantada nas feiras pelos violeiros, presente também nas trovas do bumba-meu-boi que encantavam as suas tardes de passeio e recordada pelo autor em um de seus livros:

Um estranho boi de duas pernas apenas, o mais humano dos bois, magro e seco, tão magro e tão seco, que na verdade era só cabeça e na cabeça só chifres... porque carne mesmo ele não tinha... Era apenas um pesadelo de faminto. De faminto sonhando com um boi-fantasma que cresce diante dos seus olhos compridos, mas cujas carnes desaparecem debaixo das apalpadelas de suas mãos (CASTRO, 1984, 24-25).

Ainda criança, os colegas de brincadeira eram os meninos pobres da vizinhança e é ele mesmo que confessa que os contatos humanos mais proveitosos que teve na infância, a seu ver, foram os contatos com essa gente do povo:

Não posso negar que esse contato direto com o povo, com a paisagem humana do Recife e com os seus humildes moradores, serviu para me orientar nos estudos de categoria social que iriam mais tarde encher os meus dias de trabalho.⁴²

Os amigos da rua davam-lhe a segurança de que sua vida não ia ser bisbilhotada, comentada, censurada, pois desde muito cedo viveu o drama de ser filho de pais separados e, segundo seu próprio depoimento, procurava evitar as amizades que pudessem questionar sua situação familiar. Para fugir do drama de um mundo dividido, da curiosidade dos colegas sobre o porquê da ausência da mãe na casa paterna e vice-versa, procurava nos meninos pobres da rua, acostumados a lares desfeitos e pouco preocupados com as convenções sociais, as companhias de folguedos:

⁴² Os depoimentos de Josué de Castro que recompõem as lembranças de sua infância e juventude e que não contém indicação de fonte são resultantes de uma montagem elaborada a partir de vários trechos de entrevistas e depoimentos do autor, feitos em diferentes períodos de sua vida e para diferentes jornais e periódicos. Os trabalhos consultados foram Pedro Bloch entrevista Josué de Castro. Revista Manchete. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1963. p. 80-83; Entrevista concedida a José Tavares de Miranda, Noite Ilustrada, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1954, p. 12-13; entrevista concedida a Manuel Jesus Obergozo, Lima-Peru, 1965; entrevista concedida a Gonçalves Araújo, Visão Mundial, 14 de novembro de 1969, p. 31-33; entrevista concedida a Ascendino Leite, O Jornal, Rio de Janeiro, 23 de março de 1947; entrevista datilografada, encontrada no acervo do autor, sem identificação de fonte e data.

Eles compreendiam a minha situação e nada perguntavam. Eu queria era a rua. Não queria nada com a casa de ninguém porque na casa dos outros perguntavam logo “quem é seu pai? Cadê sua mãe?” “e lá vinham problemas.

Mas deixemos que o autor fale de sua infância:

Meus pais se separaram quando eu tinha quatro anos. Nunca os conheci juntos. Eu morava com minha mãe no Recife (estudava com ela, que era professora) e as férias eu passava na zona seca do interior, no sertão, em fazenda de meu pai, oriundo da região.

Meu pai era sertanejo, de família do interior da Paraíba, dos Cariris Velhos, que descera para o Recife na terrível seca de 77, de origem mais humilde que minha mãe, pois pelo lado materno, descendo de gente dos engenhos de açúcar, da Zona da Mata pernambucana. Mamãe era de família de engenho, aristocrata, Carneiro da Cunha. Como vê, trago na massa do sangue a herança dos dois nordestes, o das secas e o dos canaviais, o do gado e o do açúcar.

A memória, como bem adverte Bachelard (1988), é um campo de ruínas psicológicas, é um amontoado de recordações. Seguindo esta trilha cognitiva, o que de fato é preciso reencontrar, para se alcançar os arquivos da memória, não são os fatos em si; é preciso ir mais além; é preciso chegar aos valores, isto porque, mais premente que a determinação de datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços de nossa intimidade.

Ao revisitar sua infância e buscar na memória os quadros que guardara, não esquecia que havia sido menino descalço e pobre de rua, como tantos outros que encontrava pela vida e por isso entendia bem o drama que eles viviam, bem como a história que via contada nas águas do Capibaribe:

Criei-me nos mangues lamacentos do Recife cujas águas fluindo diante dos meus olhos ávidos de criança, pareciam estar sempre a me contar uma longa história. (...) Eu ficava horas e horas imóvel sentado no cais, ouvindo a história do rio, fitando suas águas correrem como se fosse uma fita de cinema. Foi o rio o meu primeiro professor de história do Nordeste. A verdade é que a história do Nordeste me entrou muito mais pelos olhos do que pelos ouvidos. Entrou-me por dentro dos meus olhos ávidos de criança sob a forma destas imagens que estavam longe de serem claras e risonhas (Castro, 1967, p.18-19).

A trajetória intelectual de Josué contém venturas e desventuras que vão sendo reveladas à medida que a fala reconstrói os quadros do passado como um imenso mosaico de recordações. Menino de olhos atentos, despertando para o mundo, guardou como cenas inapagáveis na lembrança, os trágicos quadros da fome que embalam suas tardes de brincadeiras na rua com os amigos pobres das vizinhanças lamacentas dos mangues, em forma de imagens, cenas que marcaram a verticalidade de sua obra. Os amigos pobres, com quem desfrutou as tardes de brincadeiras na rua, compuseram parte deste cenário, acentuando mais os contrastes entre a riqueza e a pobreza, a fartura e a miséria, a ganância e a injustiça

social. Deixaram marcas que nunca se apagaram. Marcas que registra em Homens e Caranguejos:

Não foi na Sorbonne onde aprendi a conhecer a fome. Foi em Recife, ali aprendi as primeiras letras. (...) Jamais esquecerei as “turmas” desses infelizes desfiles de homens-caranguejos, procissão de fantasmas detendo-se às vezes para ouvir o “Bumba-meu-Boi” onde o boi era o mais estranho animal que podiam ver os meus olhos de criança. (...) o mais humano boi que eu havia podido imaginar, sofrendo, chorando, revolvendo-se. O vaqueiro contava que seu boi havia morrido de fome e seu canto era uma ladaíinha dolorosa. (...) Eu pensava que a fome era coisa do meu bairro. “Coisas de Recife” eu dizia. Depois saí no mundo e encontrei que a fome, a miséria não eram nossa exclusividade. Não era a fome privilégio dos caranguejos e dos homens de Recife. A fome era universal (CASTRO, 1984, p. 11).

A casa da Madalena deixou marcas na vida de Josué que nunca se apagaram. Há quem acredite, como o amigo Otávio Pernambucano, que cedo houve uma estranha e trágica fascinação, e que esta convivência estendeu-se, gerou fascínio, paixão, compromisso que o menino assumiu à revelia do homem que viesse a ser, pois viveria o resto de sua vida deixando a marca dos seus passos em todas as lamas da terra.⁴³

Ao recordar-se da casa paterna, na Madalena, é a mocambópolis⁴⁴ que se enovelava em ruas escuras pela lama do mangue que lhe inspira a fala. Cidade estranha, habitada por homens e caranguejos vivendo numa intrigada e trágica simbiose. Os amigos de infância o fazem refletir sobre o sentido de sua vida; são imagens que surgem como pistas para decifrar seus tortuosos caminhos de produção intelectual. Da infância recorda a negra Totonha, tia do Cosme, a negra Filomena, contadora de histórias, o mulato Nascimento Grande, valente por profissão, mestre Zuza, dono de um pastoril, e principalmente o Chico e o Cosme, seus melhores amigos. Essa amizade é relatada com muita emoção no conto Solidariedade Humana que enfeixa o livro Documentário do Nordeste (1959).

Chico era sozinho no mundo, desamparado, escondendo-se naquele isolamento com medo da caridade pública organizada. Chico era leproso. E tinha um medo horrível de ser levado à força para o hospital (...). O que ele não queria perder nem por sonho era a sua liberdade. (CASTRO, 1959, p. 47).

Filho único, sem amigos para brincar, Josué parece ter encontrado nesses dois personagens a companhia que lhe faltava em casa, conforme relata:

⁴³ Otávio Pernambucano conheceu Josué de Castro quando tinha a idade de oito anos na escola onde estudavam e foram amigos íntimos até o final da vida de Josué.

⁴⁴ Expressão utilizada por Josué ao referir-se à zona dos mocambos, que formavam, nos mangues de Recife, verdadeiras cidades.

Como eu era filho único e não tinha com quem brincar, fugia com frequência, apesar de todas as recomendações, para conversar com o leproso. Era eu quem o informava das novidades do mundo. Às vezes das novidades de minha imaginação (...). Em troca ele me contava as suas aventuras noturnas com os peixes, os vaga-lumes e os mosquitos (...).

Cosme, pobre preto ainda mais infeliz na sua vida de trapo jogado sobre um jirau. O Cosme morava num dos mocambos do baixio, parálítico há 18 anos, desde os tempos de rapazinho (...). A única diversão do Cosme é um espelinho de mão (...) ele orienta a luz do espelho para o lado do caminho que cruza lá longe e vê naquele pedaço de vidro um reflexo da vida que passa (...) falava da sua doença abertamente com datas e detalhes, orgulhoso de seu sofrimento, de sua paciência heróica (CASTRO, 1959, p. 48-49).

Já famoso, ao ser muitas vezes criticado e acusado pelos inimigos por esconder sua origem e ter vergonha do pai entregador de leite, homem humilde de pouca instrução, rebatia:

Se escondo minha origem não me explico a mim mesmo. Todos nós somos casuais. Não existem homens providenciais. Olívio Montenegro, dos melhores amigos que tive, dizia que “o que se chama de precocidade não é precocidade. É conformidade. É o menino se conformando com a forma que vai tomar, amanhã o homem (...)”. A necessidade de não falar a meu pai de minha mãe, e de minha mãe, quando estava com meu pai, me deixava numa situação penosa. Eu tinha que ter duas atitudes de conversa. Como se, diante de um, o outro não existisse. Tenho a consciência absoluta de que, desde cedo, nunca tomei partido. Até os últimos instantes de ambos mantive esse cuidado.

Menino de origem humilde, de tez acaboclada, não teve na infância preceptores que falavam inglês, alemão ou francês, como era costume dos filhos da camada senhorial pernambucana que, em geral, iam depois concluir seus estudos fora do país⁴⁵. Seu primeiro aprendizado ocorreu através do contato com a gente do povo, com os personagens que habitavam os mangues da Madalena. Foi através de suas histórias de vida, que aprendeu as primeiras letras desta difícil matéria que é a solidariedade humana. Foi com estas trágicas imagens que marcaram sua infância, que encontrou a matriz de seus estudos sociais, a razão de tanta emotividade em seus escritos, a profissão de fé com um tema polêmico. Como ele próprio confessaria anos mais tarde, indagado sobre seu interesse pelo tema: “meu interesse pela fome não vem do que aprendo nos livros, mas porque aprendi a ver com os olhos de meu pai⁴⁶”.

⁴⁵ É o caso de Gilberto Freyre, que concluiu o ciclo secundário na Inglaterra e fez os estudos universitários nos EUA. Desde novo teve professores a seu lado que o adestraram em inglês e francês, embora, segundo o próprio Gilberto Freyre, “tenha demorado a aprender as primeiras letras”. In: FREYRE, Gilberto. Como e porque sou e não sou Sociólogo. Brasília: UNB ed., 1968; BASTOS, Élide Rugai. Gilberto Freyre e A Formação da Sociedade Brasileira. Tese de doutorado em Ciências Sociais, São Paulo: PUC, 1986.

⁴⁶ Novamente refletimos sob a inspiração de Bachelard: “(...) o devaneio na criança é um devaneio materialista. A criança é um materialista nato. Seus primeiros sonhos são os sonhos das substâncias orgânicas.

No romance **Homens e Caranguejos**, a figura paterna transparece no personagem Zé Luiz, um retirante da seca, que como seu pai, acaba arranchando com a família nos mangues recifenses em busca de vida. É através das histórias contadas por este personagem sobre o drama dos retirantes, que traz à tona o aprendizado paterno, marcas da fome que nunca se apagaram:

(...) Foi para salvar a vida dos meus que desci para a costa. Vínhamos em busca de vida, mas o que a gente topava a cada instante era com a morte e não com a vida. Era tanta morte de retirante que a impressão que a gente tinha era que eles vinham mesmo acompanhando o seu próprio entêrro. (...) A estrada parecia um caminho direto para o outro mundo. (Castro, 1967, p. 80)⁴⁷

Em 1932, após a experiência como médico em uma fábrica de Recife e a constatação do grau de penúria a que estavam sujeitos os operários, realiza um estudo de natureza científica, o primeiro no gênero a ser realizado no Brasil, no intuito de denunciar o problema da carência alimentar dos trabalhadores em Recife, conforme relembra:

Em 1932 passamos a uma fase de vida mais séria. De preocupações mais construtivas. Dois anos como médico de uma fábrica e a experiência direta que aí tive da miséria de nossos operários - experiência que utilizei no campo da ficção no conto "Assistência social" me levaram a convicção de que era absolutamente necessário proceder-se um estudo mais objetivo desta miséria aludida, referida ou combatida por muitos, mas até então não comprovada com rigorismo científico. Foi então que realizei o inquérito sobre "As condições de Vida das Classes Operárias do Recife", em 1932, o primeiro a ser levado a efeito no país e cujos resultados impressionantes repercutiram violentamente nos meios cultos, chamando a atenção das elites para o problema da fome nacional. Logo a seguir, sob a inspiração deste inquérito, realizaram-se outros no Rio, São Paulo etc.

A dura constatação de que a baixa produtividade dos operários devia-se à fome, deixaram marcas e despertaram-no para a consciência do problema, conforme explicita em entrevista concedida na década de 1960 para o Jornal A Noite Ilustrada:

(...) No fim de algum tempo, compreendi o que se passava com os enfermos. Disse aos patrões. "Sei o que meus clientes têm. Mas não posso curá-los porque sou médico e não o diretor daqui. A doença dessa gente... é fome." Pediram que eu me demitisse. Saí. Compreendi, então, que o problema era social. Não era só do mocambo, não era só do Recife, nem só do Brasil, nem só do continente. Era um problema mundial, um drama universal.

– Hoje os jornais publicam estarecidos: "a cada dia da semana, dez mil pessoas morrem de fome na terra: mais que em qualquer outro período da história. Na Índia, nos próximos dez anos, cinquenta milhões de crianças

"Horas há em que o sonho do poeta criador é tão profundo, tão natural que ele encontra, sem perceber, as imagens de sua carne infantil". BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 9 – 10.

⁴⁷ Os relatos descritos nesta estória encontram seu eco nos romances **A Secca** de Rodolpho Teóphilo e **O Quinze** de Raquel de Queiroz.

morrerão de fome. Mais de um bilhão e meio de pessoas vivem, neste momento, com a fome na cabeça, no ventre, no coração.

– E os homens? Realizamos uma revolução material. Mas recuamos diante de uma revolução mental.⁴⁸

Ao escrever o conto *Assistência Social*, é possível reconhecer, no personagem Dr. Félix, o próprio autor a relatar de forma literária a sua experiência como médico em uma fábrica. É ele o médico incapaz com toda a sua ciência de curar a fome, doença que mata sem piedade e com uma crueldade atroz. A fome de alimentos que mata os pobres, e a fome de encontrar uma solução para este flagelo criado pelos homens, passa a devorá-lo pouco a pouco, inspirando-o em textos literários nos quais retrata parte de sua própria história de vida.

Através dos contos enfiados na obra *Documentário do Nordeste* (1937), que retratam a dura realidade enfrentada pelos excluídos de sua cidade, satisfazia a sua vontade de ser escritor e denunciava a fome e a miséria que campeavam em Recife. Era ele, não raro, que se travestia nos seus personagens, bem como eram as suas lembranças que serviam de matéria para as imagens que construía literariamente e que mais tarde floresceram em escritos como **O Livro Negro da Fome** (1960 – 1ª edição), **Sete Palmos de Terra e um Caixão** (1965), além de **Geografia da Fome** (1946) e **Geopolítica da Fome** (1951).

Ao recordar em 1963, a fama e o sucesso obtidos no início da carreira em Recife e depois no Rio de Janeiro, para onde se transfere em 1935, Josué revela: “Comecei a sentir que não interessava ganhar dinheiro. Achava tremendo isso de ficar emagrecendo senhoras gordas da sociedade, enquanto a cabeça me martelava com o problema da fome de tanta gente, com o ciclo do caranguejo.”

Cedo havia aprendido que as raízes da fome encontravam-se na estrutura de um sistema econômico perverso e que havia uma contabilidade mal feita que tirava de muitos para distribuir com uma minoria. Sua percepção das desigualdades sociais vai, aos poucos, ampliando-se da dimensão local e regional para a dimensão nacional e universal do problema. A explicação fisiológica do fenômeno torna-se insuficiente para entender e explicar a complexidade deste, e, por isso, aventura-se cada vez mais no campo de investigação sociológica.

Os valores humanistas que havia recebido em sua formação inicial e que incorporou na juventude dão-lhe, como afirma Taranto (1994), “um senso de profunda humanidade e espírito de universalidade que o animaram”. Autodidata, sem amarras a escolas sociológicas, contrário a ortodoxismos e dogmatismos, buscou ampliar o seu universo interpretativo do fenômeno da fome, de forma a apreendê-lo em sua totalidade e complexidade. **Geografia da**

⁴⁸ A NOITE ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 1963. p. 12 – 13.

Fome e Geopolítica da Fome são obras marcos de todo seu pensamento e trazem em seu bojo reflexões já feitas anteriormente.

Um pilar básico de sua análise teórica, e que se consolida em Geografia da Fome, é considerar a fome como um fenômeno social, vinculando-a ao subdesenvolvimento. “Fome e subdesenvolvimento são uma mesma coisa”. Outra característica de sua sociologia da fome é compreender e analisar a totalidade do fenômeno, buscar abarcá-lo em todas as suas dimensões e estabelecer uma análise dialógica para sua compreensão.

Em entrevista concedida à revista *Mundo Ilustrado*, em 1960, define sociologicamente o seu conceito de fome:

O que eu chamo a fome, no sentido sociológico do termo, é o estado de grupos humanos que não têm a possibilidade de se alimentar de um modo adequado. Há diferentes formas de fome. Há a fome aguda, isto é: a fome calamitosa e as fomes crônicas. Entre estas, há as fomes específicas — a falta de certos alimentos essenciais ao equilíbrio nutritivo; proteínas, ácidos aminados, vitaminas, sais minerais, cálcio, ferro, etc. Nas regiões subdesenvolvidas, encontram-se em geral formas compostas dessas diferentes fomes: fome de proteínas e de ferro, que causa a anemia tropical; fome de cálcio e de sódio, que se traduz por outra síndrome etc. Há formas discretas que não engendram nenhuma doença da desnutrição caracterizada mas somente um desequilíbrio fisiológico e na maior vulnerabilidade as outras doenças. A fome é a expressão biológica do fenômeno econômico e social do subdesenvolvimento.⁴⁹

No início da década de 1970 e com uma vasta experiência nacional e internacional, agrega mais uma vertente analítica no estudo da fome: a questão ambiental. A temática ambiental passa a ser prioritária nas suas discussões sobre a sobrevivência do planeta. Ao inserir com mais ênfase a discussão ambiental em suas análises, busca ampliar a compreensão da problemática da fome e das desigualdades sociais, identificando os verdadeiros algozes desta “agonia planetária”.

Em junho de 1972 participa do “Colóquio sobre o Meio” com o trabalho “Subdesenvolvimento: Causa Primeira da Poluição”.⁵⁰ Neste estudo, questiona se os países subdesenvolvidos deveriam se preocupar com os problemas do meio, inserindo a discussão da questão ambiental na relação subdesenvolvimento/desenvolvimento. A defesa inconteste do direito ao desenvolvimento para os países do Terceiro Mundo e o desmascaramento do relatório do Instituto de Tecnologia de Massachussets, apresentado ao Clube de Roma,

⁴⁹ Fome é a Vergonha do Mundo. MUNDO ILUSTRADO, Rio de Janeiro, 1960.

⁵⁰ Este texto foi publicado na revista “O CORREIO” da UNESCO, ano I, n° 3, março de 1973 e integra o livro **Fome, um tema proibido. Últimos escritos de Josué de Castro**.

deveriam ser priorizadas para que fosse possível reorientar as políticas que deveriam redefinir o processo de desenvolvimento econômico:

Se o Terceiro Mundo, na sua maior parte, recusa as conclusões deste relatório, é porque desconfia da prescrição sobre a interrupção do crescimento, interrupção apenas para as regiões pobres, pois é bem sabido que os países ricos não obedecerão a tal ordem. E o fosso que separa ambos os mundos se alargará ainda mais.⁵¹

Esta discussão o conduz ao questionamento do dilema vivido pelos países subdesenvolvidos, frente ao desafio da poluição e do esgotamento dos recursos naturais:

(...) crescer é uma coisa; desenvolver, outra. Crescer é, em linhas gerais, fácil. Desenvolver equilibradamente, difícil. Tão difícil que nenhum país do mundo conseguiu ainda. Desta perspectiva, o mundo todo continua mais ou menos subdesenvolvido.(...)

(...) A civilização ocidental, com seu repertório científico etnocêntrico, sempre se negou a aceitar esta evidência: que a fome e a miséria de algumas regiões distantes fazem parte do custo social do seu próprio progresso, um progresso que a humanidade inteira paga para que o desenvolvimento econômico avance no pequeno número de regiões dominantes políticas e economicamente no mundo.⁵²

Suas reflexões sobre os perigos iminentes, que ameaçavam o equilíbrio planetário e a própria espécie humana, em nada diferem dos mais recentes debates sobre a questão ambiental e o futuro do homem:

Toda biosfera é um só ecossistema composto de múltiplos subsistemas. O ecossistema da biosfera possui enorme plasticidade estrutural, devido ao jogo dos mecanismos da compensação utilizados para equilibrar os impactos negativos da ação humana.

(...) Essa plasticidade, que é um importante triunfo do homem, na medida em que permite transformar a biosfera e utilizar seus elementos para satisfazer as necessidades, não pode ultrapassar certos limites fixados pelas leis dos equilíbrios naturais, sob pena de provocar graves e, às vezes, fatais rupturas nos ecossistemas.⁵³

Seus últimos escritos encaminham-se para uma postura mais filosófica de questionamento dos problemas do mundo no final do século XX. É um homem experiente e cauteloso a indagar sobre o futuro da humanidade, sempre preocupado com o destino dos

⁵¹ CASTRO, Josué de. **Fome, um tema proibido. Últimos escritos de Josué de Castro**. 2 ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1984. p. 108.

⁵² Idem, p. 101 – 103.

⁵³ Ibidem, p. 105.

povos do Terceiro Mundo e a denunciar o flagelo da fome, buscando estratégias de solução para este drama.

A questão levantada por Josué (1949, 287-297) na década de 1940 sobre a calamidade da fome: “Será que a calamidade da fome é um fenômeno natural inerente à própria vida, uma contingência irremovível como a morte ou será a fome uma praga social criada pelo próprio homem”?, ganha contornos analíticos mais abrangentes e cada vez mais universais. Suas análises irão enfatizar a necessidade de uma nova cultura, um novo modo de pensar, um novo homem, para se alcançar um futuro de paz e felicidade. Este novo modo de pensar o mundo exigiria que repensássemos o atual modelo de desenvolvimento e considerássemos a diminuição do fosso entre ricos e pobres, para que pudéssemos evitar uma explosão mais perigosa que a atômica: a explosão dos famintos.

Josué de Castro, foi sem sombras de dúvida o sociólogo da fome, como bem o denomina Nascimento (2003), pois lega ao campo de estudos sociológicos as bases estruturais para uma sociologia da fome e é através do estudo da fome, desde seus problemas fisiológicos até as suas conseqüências psicossociais e culturais, que se debruça sobre a realidade brasileira, latino-americana e mundial.

UM HOMEM COMPROMETIDO COM UMA CIÊNCIA ENGAJADA

O que é um indivíduo? Em que reside a sua identidade? De que maneira se define um eu? Estas são algumas questões que Kundera (1994, p. 10) levanta ao buscar deslindar o processo de criação de um personagem. De que ele se constitui? Qual a matéria de que é feito? Kundera especula se este não seria produto da sua vida interior, de seus pensamentos, de seus sentimentos secretos. E continua em sua especulação: Poderiam os seus pensamentos servir de chave para sua identidade? Ou seria o homem definido por sua visão do mundo, por suas idéias, por sua *Weltanschauung*?

No caso do autor estudado, essas pistas especulativas nos auxiliam a entender a relação entre as imagens da fome, que lhe marcaram a infância e o tema a que se dedicou, bem como a forma apaixonada como denunciava que toda a Terra era celeiro da fome e que esta era produto dos homens em suas opções políticas e econômicas, alicerce de sua sociologia da fome. O realismo de seus escritos decorre de seu compromisso com a temática, pois nunca acreditou em literatura neutra, sem tendências, enquistada no absoluto dos cânones da arte, sem contatos estranhos, sem raízes, sem ligações com os outros aspectos sociais que definem uma cultura.

Embora fosse contra os romances de tese, defendia que o artista deveria ter um compromisso consigo mesmo, com suas próprias impressões sensoriais, com sua experiência

sensível, pois acreditava que sem esta unidade individual entre a inteligência, que exprime, e a sensibilidade, que fornece o material plástico da expressão, não poderia haver manifestação de arte verdadeira. Defendia o princípio de que a arte é o fruto exclusivo de um compromisso de sinceridade, uma vez que a arte é sempre tendenciosa, pois encerra em todas as suas expressões a reação do humano diante das forças circundantes.

A partir de 1964, suas análises adquirirão mais firmeza sociológica na explicação das desigualdades sociais, da fome e da miséria. Assume sua condição de cidadão do Terceiro Mundo e de cientista social, empreendendo uma luta aberta contra o intervencionismo econômico e suas mazelas.

Em maio de 1961 é convidado a participar do Encontro da Abadia de Royaumont e apresenta a comunicação, A Fome e o Subdesenvolvimento. Neste texto tece uma dura crítica ao Fundo Monetário Internacional, denunciando tratar-se de um organismo internacional apenas quanto à sua composição de delegados de diferentes países, porque sua administração e a repartição dos votos eram proporcionais à contribuição de cada país. Como os Estados Unidos contribuía com 70%, em matéria de decisões e administração, o Fundo Monetário Internacional era um organismo inteiramente norte-americano.

Em suas conclusões, denuncia o desinteresse das grandes potências em integrar a economia dos países pobres num sistema universal de solidariedade econômica e alerta:

Esta divisão é que cria no mundo o duplo sinal negativo: o sinal da fome e o sinal do medo. É preciso eliminá-los, e só é possível fazê-lo com uma reforma revolucionária, com uma transformação das estruturas. (...) Penso que os problemas da fome são os problemas sobre os quais é necessário refletir, sobre os quais devem meditar os homens de boa vontade que querem, apesar de tudo, encontrar o caminho da compreensão numa terra que deve pertencer a todos.⁵⁴

Esta discussão o conduz ao questionamento do dilema vivido pelos países subdesenvolvidos frente ao desafio da poluição e do esgotamento dos recursos naturais. Suas reflexões sobre os perigos iminentes que ameaçavam o equilíbrio planetário e a própria espécie humana em nada diferem dos mais recentes debates sobre a questão ambiental e o futuro do homem. Embasado nos estudos da prospectiva, posiciona-se contrário às conclusões do relatório do *Massachusetts Institute of Technology*, afirmando categórico que quando se faz projeções lineares, como as do relatório sobre os limites do crescimento, cai-se inevitavelmente em ingênuas tentativas que não levam em conta as rupturas de estruturas, normal do processo histórico de nossa época. “Vivemos uma época de descontinuidade e não de continuidade” e conclui: “É imprescindível transformar a economia de guerra em que vivemos numa economia

⁵⁴ CASTRO, Josué de. **As vias de desenvolvimento dos países subdesenvolvidos**. Ibidem, p. 88.

de paz, e utilizar a enorme poupança que resultar do desarmamento parcial na obtenção de um tipo de desenvolvimento pacífico mais igualitário e não poluidor”.⁵⁵

Como já havia declarado em uma entrevista concedida na década de 1960, era um pacifista desesperado e temeroso quanto ao crescimento da indústria da guerra, em detrimento do descaso para com os povos do terceiro mundo. A fome continuava a grassar pelo planeta e a indiferença para com os famintos, por parte das nações ricas e desenvolvidas, cada vez se tornava mais gritante. A sociologia da fome traçada por Josué é, sem sombra de dúvida, uma sociologia política.

A sua folha de serviços é extensa, mas é possível apresentar uma pequena síntese para que se tenha uma visão da grandiosidade de sua ação.

Em 1932 tem a iniciativa, juntamente com outros colegas, de propor a fundação em Recife de uma Faculdade de Filosofia; em 1933, o sonho torna-se realidade e surge a Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais de Recife. Com apenas 23 anos de idade é nomeado seu diretor. Em 1936, é convidado a lecionar antropologia na Faculdade de Filosofia da então Universidade do Distrito Federal, pelo professor Roquette Pinto, que se afastava por motivo de doença. Após um breve período como professor desta disciplina, assume a cadeira de Geografia Humana e, em 1948, após um brilhante concurso, torna-se catedrático da mesma.

Foi o idealizador e responsável pela criação do Instituto de Nutrição do Rio de Janeiro, o primeiro do Brasil e hoje pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Por três vezes – 1954, 1963 e 1970 –,⁵⁶ teve o seu nome indicado para concorrer ao Prêmio Nobel. Em setembro de 1957 é eleito um dos presidentes do Congresso Mundial sobre Saúde e Condições de Vida (AMIEV), entidade que presidiu até a sua morte.

É um dos idealizadores e fundadores do Hospital de Clínicas do Rio de Janeiro, e torna-se o 1º vice-presidente da instituição.

Em 09 de maio de 1958 apóia e participa do 1º Congresso de Trabalhadores Rurais, organizado pelas Ligas Camponesas, realizado no Recife e do qual participaram cerca de 5.000 trabalhadores agrícolas e pescadores de Pernambuco. Neste evento, destaca-se como um dos oradores do ato de encerramento, juntamente com Francisco Julião, Clodomir Moraes e o líder camponês José Aires Prazeres.

Josué idealiza e funda, com a colaboração de outros companheiros, entre eles Anísio Teixeira, em 02 de dezembro de 1960, em Brasília, a Academia Nacional de Cultura, reunindo

⁵⁵ Ibidem, p. 107 – 108.

⁵⁶ A primeira indicação em 1954 foi para o Prêmio Nobel de Medicina, as duas outras para o Nobel da Paz.

intelectuais brasileiros de várias regiões do país e devotados a diferentes setores da cultura.⁵⁷ O manifesto de fundação foi assinado por vinte e sete personalidades: Celso Furtado, Vítor Nunes Leal, Barbosa Lima Sobrinho, Raquel de Queiroz, Carlos Delgado Carvalho, Jorge Amado, Gustavo Capanema, Cecília Meireles, Oscar Niemeyer, Olívio Montenegro, Paschoal Carlos Magno, Cândido Portinari, Darci Ribeiro, Vinícius de Moraes, dentre outros. A Academia compunha-se de 60 membros, sendo 45 considerados membros fundadores.



Josué de Castro em sua mesa de trabalho

Fonte: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro – Recife/PE

Um importante trabalho desenvolvido por Josué no campo alimentar, que merece ser destacado e é muito pouco conhecido, foi como Presidente da Organização para Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO), (1952-1956), cargo que ocupou por dois mandatos consecutivos, depois de já ter sido membro do Comitê Consultivo Permanente de Nutrição da FAO (1947) e Delegado do Brasil na Conferência de Alimentação e Agricultura da ONU.

Como presidente da FAO, empreende várias frentes de luta contra a fome nos países subdesenvolvidos, questionando as velhas estruturas agrárias, o latifúndio improdutivo e fazendo uma defesa incontestada da reforma agrária. Em seus dois mandatos colocou o interesse dos países pobres como prioritários, reivindicando verbas para que a FAO pudesse realmente cumprir o seu papel.

Esta sua postura independente e em defesa do bloco de países mais pobres o tornou “persona non grata” frente aos interesses dos países que comandavam a economia mundial. Em resposta à sua política de defesa dos interesses dos países mais pobres, foi feito um acordo entre os representantes dos EUA e Inglaterra para impedi-lo de concorrer a um terceiro mandato. Em seu discurso de despedida, desiludido com o que se poderia chamar “a indústria

⁵⁷ No acervo de correspondência há uma carta enviada por Cyro dos Anjos, na época residindo na França, a Josué de Castro, como resposta a consulta que este fez ao missivista, quanto a contar com sua colaboração para a concretização de mais este sonho.

da fome”, denuncia o complô dos mais ricos contra os mais pobres e confessa a sua decepção frente à inoperância daquele organismo.

Durante esses quatro anos pudemos comprovar como era difícil vencer as resistências impostas pelos interesses particularistas dos países e grupos econômicos. Problemas como o da reforma agrária e da criação de uma reserva alimentar de emergência que exigem modificações das estruturas vigentes não conseguiam transpor a barreira dos preconceitos e dos medos acumulados. O caso da criação da Reserva Internacional Contra a Fome constitui um exemplo típico da ação tímida e vacilante da FAO. Há cerca de seis anos que se discute esse projeto, esmiuçado em todos os seus detalhes, em sucessivas reuniões da FAO. Durante este período ocorreram epidemias de fome em vários países do mundo tais como a Iugoslávia, a Índia e o Paquistão (...) peço que me perdoem por falar com uma sinceridade um tanto brutal – que me sinto decepcionado diante da obra que realizamos. Decepcionado pelo que fizemos porque, a meu ver, não elaboramos até hoje uma política de alimentação realista que ponha em linha de conta, ao mesmo tempo, as desesperadas necessidades do mundo e nossos objetivos. (CASTRO, 1968, p. 63-64) .

Comprometido com a causa dos famintos e excluídos, ao deixar a presidência da FAO, com uma extensa folha de realizações e trabalhos, conhecido e respeitado mundialmente, funda, em 1957, em Paris, juntamente com o Abbé Pierre, da Comunidade de Emmaús, e o padre Joseph Lebret, entre outras personalidades, a Associação Mundial de Combate a Fome (ASCOFAM). No discurso de fundação da entidade deixa explícitos os objetivos desta, bem como a consciência dos fundadores quanto à dimensão do problema e as dificuldades que lhes aguardavam:

Não se pense que julgamos possível resolver o problema da fome universal apenas com a criação de um organismo especializado que viria, num passe de mágica apagar, da fisionomia de nossa civilização este traço negro. Não somos tão ingênuos nem tão otimistas. Sabemos que estão bem fincados, nas estruturas econômicas do mundo, as raízes desse problema que só poderá ser extirpado, revolvendo-se profundamente toda a estrutura deste solo pantanoso de nossa civilização, onde a fome encontrou condições as mais favoráveis possíveis ao seu desenvolvimento. (CASTRO, 1968, p. 93).

A ASCOFAM tinha sua sede legal em Genebra, sendo criados escritórios regionais nos diversos continentes. Em 2 de setembro de 1957, é fundado o escritório brasileiro no Rio de Janeiro. Destacavam-se como planos de atuação da ASCOFAM no Brasil: Um plano de combate às endemias do Nordeste através da assistência alimentar em colaboração com o Departamento Nacional de Endemias Rurais; um plano de enriquecimento artificial dos alimentos, em colaboração com a Legião Brasileira de Assistência; um plano de expansão de produtos de proteínas, através da instalação de grandes indústrias de rações balanceadas para toda a espécie de animais de criação, partindo de matérias-primas regionais.

A respeito do plano de expansão de proteínas, foi elaborado o estudo Proteínas para a América Latina, interessante pesquisa sobre as condições alimentares na América Latina, cujo

objetivo foi o de servir de projeto piloto. Dos trabalhos realizados no período de 1957 a 1959, merecem destaque:

1 – Seminário de Endemias e Nutrição do Nordeste, na cidade de Garanhuns, Pernambuco, cujas conclusões foram publicadas no Boletim da ASCOFAM, nº 3 e 4 (abril e junho de 1958).

2 – Organização de um filme documentário sobre o Drama das Secas. Foi o primeiro documentário com orientação científica feito sobre o drama das secas no Nordeste

3 – Projeto de Enriquecimento da Farinha de Mandioca, através do qual é inaugurada, em 5 de dezembro de 1958, a primeira usina de enriquecimento da farinha, com proteínas, sais minerais e vitaminas, com a colaboração da Legião Brasileira de Assistência.

Entre as várias realizações e propostas formuladas pela entidade no Brasil destacam-se: O estudo das estruturas agrárias, visando à elaboração de um projeto piloto de reforma agrária; ampliação do projeto de novas indústrias alimentares; ampliação do plano de enriquecimento de alimentos; criação de um selo ASCOFAM para ser concedido a produtos de alta qualidade; plano de publicações educacionais; realização de alguns programas de televisão e campanha de ampliação do quadro de sócios.

A ASCOFAM desenvolveu intensas campanhas de divulgação e denúncia do problema da fome e buscou realizar ações conjuntas com vários órgãos nacionais e internacionais nas regiões subdesenvolvidas do mundo. A entidade que tinha como princípio unir sempre reflexão e prática, desenvolveu enquetes sobre o problema da fome no mundo, bem como organizou seminários, conferências e cursos, além de inúmeras publicações e cursos de formação de mão-de-obra. O Projeto Tracunhaem, experiência pioneira, tinha como objetivo a realização de uma experiência de desenvolvimento comunitário numa região com características tanto rurais como urbanas, típicas do Nordeste brasileiro, foi um projeto experimental, realizado com o apoio da FAO.

Em 1960, a ASCOFAM integra-se à Campanha Mundial Contra a Fome, promovida pela FAO. Em 1964, em decorrência do golpe militar de 31 de março que instaurou uma ditadura no Brasil, o escritório brasileiro tem suas atividades suspensas.

Em 1963, Josué de Castro é nomeado pelo presidente João Goulart, Embaixador do Brasil junto às Nações Unidas em Genebra; o que não esperava é que em 31 de março de 1964, as forças conservadoras apoiadas numa cúpula militar golpista, anticomunista e orientadas pelo Pentágono, com o apoio de setores conservadores da Igreja Católica, investissem contra a democracia brasileira, depusessem o Presidente João Goulart, fechassem o Congresso Nacional, perseguissem pessoas, matassem, instaurassem a tortura no país e

cassassem os direitos políticos de centenas de brasileiros, entre os quais, o dele: Josué Apolônio de Castro.⁵⁸

Ironicamente, até o dia 27 de março de 1964, a imprensa brasileira destacava elogiosamente as suas posições avançadas que projetavam o Brasil no cenário internacional, em especial nas conferências internacionais. Menos de uma semana após o golpe militar, esta passa a denegrir seu nome com acusações do tipo: “falso cientista”; “fez da fome o seu ganha pão”. Josué de Castro e Celso Furtado são muito atacados e, não raro, ridicularizados pelos noticiários como: “aprendizes” e “estagiários”.⁵⁹

Ao contrário da mídia brasileira que enxovalha seu nome, os principais jornais do mundo, como o *Le Monde*, de Paris, *Gazette de Lausanne*, da Bélgica, *New York Times*, *New York Herald*, *The Times* e *The Economist*, de Londres entre outros, irão discutir o golpe militar no Brasil e estampar seu repúdio e espanto pela cassação de Josué de Castro e outros intelectuais e políticos de renome.⁶⁰

Destituído de seu cargo e tendo seus direitos políticos cassados por um período de dez anos, vê-se, aos 56 anos, compelido a um novo começo de vida. Apesar de ter recebido inúmeros convites de vários países para fixar residência e trabalhar, como foi o caso da Suíça, Chile, Estados Unidos, entre outros, escolhe a França e fixa residência em Paris, onde passa a dirigir o Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID)⁶¹. Em 27 de setembro de 1969, é nomeado professor associado do Centro Universitário de *Vincennes*, depois de um ano de

⁵⁸ Vide a respeito do golpe de 64 e as conseqüências para o movimento intelectual: PÉCAUT, Daniel. **Os Intelectuais e a Política no Brasil. Entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

⁵⁹ O jornal DIÁRIO DE NOTÍCIAS de 27.03.64 transcreve as palavras do Embaixador Araújo Castro: “mais que uma vez temos mencionado a ação positiva do chefe da delegação do Brasil, Embaixador Josué de Castro (...).” Conforme a matéria, O Brasil em Genebra. Menos de uma semana depois o nome de Josué de Castro estava incluído na primeira lista de cassação e detratado como subversivo e perigoso ao país.

⁶⁰ Muitos desses noticiários acusam Carlos Lacerda de extrema direita e um dos responsáveis pelo golpe de 31 de março. Vide entre outros, os jornais: *LA PRENSA*, Peru, 19.4.64; *TRIBUNE DE GENÈVE* de 11.04.64; *LE COURRIER*, - Genebra, de 3.4.64; *MONDE DIPLOMATIQUE*; *LA STAMPA*, de Torino, Itália.

Todos lamentavam o fato ocorrido e esperavam que a democracia fosse logo restabelecida. Em todos os noticiários há um destaque para o autor de “Geografia da Fome”, antigo Presidente da FAO, ex-Embaixador na ONU, Presidente da ASCOFAM, Prêmio Internacional da Paz, Prêmio Franklin Roosevelt.

⁶¹ Uma organização internacional, não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1962, por um grupo de eminentes personalidades de renome internacional, dotada de personalidade jurídica, organizada corporativamente, sob a forma de uma associação civil, de acordo com o Código Civil suíço. Entre as personalidades fundadoras do CID destacam-se os nomes de: Angelo Angelopoulos (Grécia), Josef Bognar (Hungria), Jean Fourastier (França), Luís las Casas (Peru), Padre Joseph Leuret (França), James Patton (Estados Unidos da América), Ilka Pont (Índia), François Perroux (França), Raymond Scheyven (Bélgica), o Presidente Léopold Senghor (Senegal).

docência universitária.⁶² Em *Vincennes* era responsável pela cadeira de “Geografia dos Países Subdesenvolvidos.”



Foto: Josué de Castro em Paris

Embora não lhe faltassem convites para trabalho e a solidariedade dos amigos fosse significativa, é um exilado, um apátrida, e esta condição iria marcá-lo profundamente. Saudoso de sua terra natal e sempre alimentando o sonho de poder um dia retornar ao Brasil e retomar a sua vida como professor, escritor, político, só o faz depois de morto, para ser enterrado, sem nenhuma pompa, e vigiado pelos agentes de segurança em setembro de 1973. Morto, continuava ainda a ser visto como uma ameaça.

Josué de Castro faleceu em 24 de setembro de 1973 em seu apartamento em Paris, enquanto dormia. Estava muito abatido com a morte recente de dois grandes amigos: Pablo Neruda, em 11 de setembro, e Salvador Allende, em 23 de setembro. Para muitos de seus amigos, ele morreu de tristeza, de saudades da estrumeira do chão.

Josué, como afirmou a escritora *Pearl Buck* no prefácio de *Geopolítica da Fome* (1952), era um homem do mundo, produto da realidade que denunciava e contra a qual lutava, pois fora ele também um personagem deste drama e não podia fugir à influência que a realidade exerce sobre as nossas ações. Afinal, a realidade, como afirma Gustavo Dahal (1965), não é inofensiva; ela pulsa, lateja, rica de um rio que dentro dela corre e se chama História.

A produção intelectual e a trajetória de lutas de Josué de Castro são praticamente desconhecidas pela grande maioria dos brasileiros nascidos após o golpe militar de 1964. O autor de *Geografia da Fome* foi vítima de um ostracismo perverso, decorrente tanto da cassação que o baniou de sua terra e o obrigou a viver até o fim de seus dias em terras estrangeiras, como o impetrado pela mediocridade de setores de nossa pretensa intelectualidade, tanto de direita como de esquerda, que o consideravam um homem de idéias perigosas, ou por ser comunista ou por ser burguês e, assim, pretendendo fazer justiça, quedaram-no ao esquecimento.

Há ainda muito que discorrer sobre quem foi Josué de Castro. Exerceu por dois mandatos o cargo de deputado federal representando o seu Estado natal, Pernambuco, e a legenda do PTB. Foi agraciado, em 1958, com o Premio Internacional da Paz, concedido pela Academia de Ciências de Moscou e entregue em cerimônia pública em Helsinky, o que lhe valeu duras críticas por parte da imprensa brasileira, e a pecha de comunista; também foi

⁶² Michel Butor et Josué de Castro nommés professeurs associés. LE FIGARO, Paris, 29 de setembro de 1969. Foram nomeados também na ocasião: Michel Butor, Nicolas Ruwet, Adolf Hoffmeister e Eric Wolff.

agraciado com o prêmio Franklin Roosevelt em Ciência Política. São inúmeros os prêmios que recebeu e as comendas, bem como os títulos de Doutor *Honoris Causa*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Josué de Castro é enterrado no Brasil, em 29 de setembro de 1973, no cemitério São João Batista no Rio de Janeiro. O corpo chega sem que a imprensa pudesse tirar fotos ou se aproximar do caixão; ainda é considerado um homem perigoso. A família não pôde conceder entrevistas e poucas pessoas compareceram ao enterro. Os jornais mencionaram a presença de mais ou menos 150 pessoas, incluindo familiares e amigos, destacando a presença de representantes da loja maçônica Grande Oriente do Brasil, Barbosa Lima Sobrinho, que faz um pequeno discurso, o Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, prof. Hélio Fraga, Pedro Calmon, Homero Homem, Cleto Seabra Veloso, e Pascoal Carlos Magno, entre outros.⁶³

Inspirado no Auto de *Calderón de La Barca, El Gran Teatro del Mundo*, havia escrito em 1955 que “somos todos personagens e só personagens, vivendo na ilusão da aparência desta cena que representamos, de um drama que desconhecemos a trama em sua essência e muito menos o desfecho de cada um de seus atos.”⁶⁴

Discorrer sobre Josué de Castro é tarefa árdua, dada a imensa dimensão de sua obra e de sua história de vida, mas o bom é que, aos poucos, seus livros estão sendo re-editados e seu nome, assim como de outros brasileiros que caíram no ostracismo, vai sendo revelado às novas gerações e com isso nossa história intelectual vai ganhando os foros da verdade.

O que podemos dizer para concluir? Que, desvinculado de qualquer tipo de ortodoxia de pensamento ou ação, o profundo humanismo dos escritos de Josué de Castro incomodou mais do que agradou? Que foi várias vezes acusado de ter enriquecido à custa da fome alheia, de ser um “turista intelectual”, dada a sua intensa vida de compromissos fora do Brasil? Que para seus críticos ferrenhos sua condição de cidadão do mundo era muito difícil de ser aceita no Brasil?

Tudo isso é verdade e pode e deve ser dito, mas preferimos terminar afirmando que por ser um desses “pioneiros visionários cujo privilégio trágico e sublime é viver no futuro, num mundo desconhecido das gerações vindouras”⁶⁵, Josué de Castro viveu antecipadamente a

⁶³ Josué de Castro foi enterrado no Cemitério São João Batista carneira 6258-A, quadra 20, junto com sua mãe.

⁶⁴ CASTRO, Josué de. ***Os Três Personagens***. Rio de Janeiro: Livraria ed. Casa do Estudante, 1955. p. 12.

⁶⁵ Palavras proferidas por Josué de Castro, em 10.06.52, na FAO, ao homenagear David Lubin.

aventura civilizacional da Terra Pátria (Morin, 1993). Nunca deixou de sonhar, de acreditar que a vida humana é tecida de prosa e poesia e, como um sonhador, morreu adormecendo.⁶⁶

Acreditamos ainda que um pouco cansado e desiludido de sua luta, triste por não conseguir retornar à sua terra natal, por ver a ganância dos homens não se dissipar, a fome imperar no mundo, sem que houvesse intenção séria por parte das nações ricas para resolver o problema, saudoso do colo de sua mãe escolheu ser menino de novo e retornar ao convívio materno. Pensamos que quando se deitou no dia 22 para 23 adormeceu feliz para acordar menino nos braços de sua mãe que tanto amava e, juntos, de mãos dadas (Quem sabe, o pai não havia se reconciliado com a mãe e finalmente ele tinha uma família e podia ser uma criança feliz?), como sempre ocorria, passou a contar para ela as aventuras de sua vida, num complô de amor, e assim permaneceu; não quis retornar...

⁶⁶ “E a chama morre bem: ela morre adormecendo.” BACHELARD, Gaston. **A Chama de uma Vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 31.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA. Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: depoimentos. Recife: UFPE, ed. Universitária, 1983.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A Psicanálise do Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. – (Coleção Tópicos).

_____. **A Chama de uma Vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CASTRO, Anna Maria. (org.) **Fome, um Tema Proibido. Os Últimos Escritos de Josué de Castro**. 3 ed. Comemorativa do cinquentário da publicação de Geografia da Fome, Recife: CONDEPE/CEPE, 1996.

CASTRO, Josué de. **A Fome Mundial e Neomalthusianismo**. México: Instituto Indigenista Interamericano. Sobretito de América Indígena, Outubro, 1949, Vol. IX. N° 4.

_____. **Geopolítica da Fome**. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1953.

_____. **Os Três Personagens**. Rio de Janeiro: Livraria ed. Casa do Estudante, 1955.

_____. **Documentário do Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. **Sete Palmos de Terra e um Caixão . Nordeste uma zona explosiva**. São Paulo: Brasiliense, 1965.

_____. **Homens e Caranguejos**. São Paulo: Brasiliense, 1967.

_____. **O Livro Negro da Fome**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

_____. **Geografia da Fome (O dilema Brasileiro: Pão ou Aço)**. 10 ed. Rio de Janeiro: Antares: Achiamé, 1982. (Clássicos das Ciências Sociais no Brasil)

DAHL, Gustavo. Uma Estética da Fome. In: **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, 1965, n. 4.

KUNDERA, Milan. **Os Testamentos Traídos: Ensaio**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Portugal: Europa-América, 1984.

MORIN, Edgar & KERN, Brigitte. *Terre Patrie*. Paris: Seuil, 1993.

NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. **Josué de Castro: O Sociólogo da Fome**. Brasília: UNB, 2003. Mestrado

QUEIROZ, Raquel. **O Quinze**. 46 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

SILVA, Tânia Elias M. da. **Josué de Castro: Para uma Poética da Fome**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1998. Doutorado.

TARANTO, Giuseppe Di. **Sociedade e Subdesenvolvimento na Obra de Josué de Castro**. Belém: CEJUP, 1994.

THEÓFILO, Rodolfo. **A Fome. Scenas da Secca no Ceará**. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.